

O passado é imprevisível¹

The past is unpredictable

GABRIELA MASCHERONI

RESUMO:

O trabalho com a história particular muitas vezes é menosprezado por quem sofre e pretende começar um tratamento “psi” devido à crença de que revisar a história é voltar ao passado ou uma perda de tempo. Também é menosprezada por um amplo setor da psicanálise que mergulhou na clínica do gozo como proveniente do corpo biológico. Recorrendo ao olhar de Nietzsche sobre a história, revisaremos as formas como esse laço com a história – a qual podemos considerar uma leitura do passado – pode afetar os corpos e fazê-los padecer sem que se saiba, justificando assim o quão imprescindível é abordar a análise dos laços históricos que determinam a repetição.

PALAVRAS-CHAVE: história – inesquecível – excesso de história – modernidade – sofrimento – separação

ABSTRACT:

The work with the particular history is despised often for whom suffers and tries to begin a “psi” treatment due to the belief of which to check the history is to return to the past or a loss of time. It is despised also by a wide sector of the psychoanalysis that has submerged in the clinic of the (jouissance) as coming from the biological body. Resorting to Nietzsche’s look on the history, we will check the manners in which certain bow with the history -to which we can think a reading of the past- can affect the bodies and make them suffer without it is known, justifying hereby the indispensable thing that proves to approach the analysis of the historical bows that determine the repetition.

KEY WORDS: history - unforgettable – excess of history – modernity – suffering - separation

No livro *De la utilidad y los inconvenientes de la historia para la vida*,² (1874) Nietzsche afirma que quem não é capaz de esquecer o passado e se estabelecer no momento, não pode ser feliz nem fazer os outros felizes. Esquecê-lo em que sentido? Em *El tiempo que resta*,³ Agamben aponta que o esquecimento não é inerte nem ineficaz, pelo contrário, “opera em nós com não menos força que as recordações conscientes, ainda que de uma maneira diferente. A força e operação do esquecimento

¹ **Impredecible:** de raízes latinas, significa “o que não se pode adivinhar”, “o que não se pode dizer”, o que não se pode prever, anunciar, por revelação, ciência ou conjectura. O prefixo *im* (não), *prae* (prefixo que indica “antes”), *dicere* (dizer), mais o sufixo *ible* (que pode). Ou seja: “o que não se pode dizer”. [N.T.: A tradução da voz espanhola *impredecible* em português é “imprevisível”. Do ponto de vista etimológico, a diferença está entre as palavras *dizer* e *ver*.]

² Nietzsche, F. (2018). *De la utilidad y los inconvenientes de la historia para la vida*. Madrid: Tecnos. Escrito em 1874. (morre em 1900).

³ Agamben, G. (2000). *El tiempo que resta*. Madrid: Trotta. p.47.

não são medidas em termos de memória consciente nem acumuladas como saber, mas sua insistência determina o nível de todo saber e de todo conhecimento”. O que torna cada história histórica é justamente esse núcleo inesquecível que a compõe e que, embora seja constantemente esquecido, permanece em nós e conosco como inesquecível, como perdido, e fica assim ao nosso alcance, de certa forma.

Assim, a história se torna um inconveniente para Nietzsche quando a relação com ela é excessiva. A análise que ele faz desse tema é consistente em alguns pontos com nosso diagnóstico de sofrimento (PIC).⁴ Vejamos em que sentido ele aborda isso.

Nietzsche sustenta que:

[...] a serenidade, a boa consciência, a atitude gozosa, a confiança no porvir – tudo isso depende, tanto num indivíduo quanto num povo, de que se saiba esquecer e se saiba lembrar no momento oportuno, de que se saiba discernir quando é necessário sentir as coisas do ponto de vista histórico ou do ponto de vista a-histórico, na medida em que ‘o histórico e o a-histórico⁵ são igualmente necessários para a saúde dos indivíduos, dos povos e das culturas’.⁶

“Um excesso de história devasta o homem e as sociedades; sem a participação do a-histórico nada poderia começar e também não nos atreveríamos a fazê-lo”,⁷ estaríamos acorrentados a uma história que nos determina e/ou com a qual nos comparamos constantemente e nos limita para atuar.

Nietzsche apresenta três aspectos em que a história pertence e serve ao homem:

1) Enquanto ser ativo e que busca um objetivo, o homem tem a necessidade do passado e se apropria dele através do que denomina **história monumental**, onde encontra modelos, mestres, confortadores, que não encontra à sua volta nem na época atual. Descobre nela incentivos de imitação e superação, fugindo assim da resignação e utilizando a história como remédio contra ela. Mas quando o vínculo com a história monumental se torna excessivo “acredita-se que o que uma vez foi capaz de ampliar o conceito de ‘homem’ deve sempre existir para ser capaz de realizar isso eternamente; ainda que essa história tenha perdido a validade há muito tempo, continua viva e grandiosa, incitando uma luta contra tudo aquilo se interponha para obstaculizar e desviar o caminho que a grandeza precisa percorrer para chegar à imortalidade”.⁸ Leva a pensar que o que uma vez foi possível poderia ser possível uma segunda vez, na crença de que a repetição exata dos elementos e fatores que determinaram um

⁴ O PIC é sigla para Programa de Investigação Científica. Aludo ao programa da nossa sociedade Apertura.

⁵ Propõe a-histórico em termos de esquecimento. Não propõe que o homem seja a-histórico. Não considerar a história, esquecê-la, que não seja uma medida etc. Um esquecimento ativo, no sentido que propõe Agamben.

⁶ Op. cit. Nietzsche, em <http://www.nietzscheana.com.ar> p. 3.

⁷ Ibid. p. 7.

⁸ Ibid.

fenômeno é viável. A história monumental, como exemplar e digna de imitação, sempre irá aproximar, generalizar e igualar coisas que são diferentes, atenuará as diferenças, atuará em detrimento das **causas e irá considerar somente a coleção de efeitos**, incorrendo no perigo de embelezar o passado, o que não permite a possibilidade de diferenciar um passado monumental e uma ficção mística. Sabe-se o que é a grandeza, mas não se tem a capacidade de realizar grandes coisas.

2) Por sua vez, ao passo que o homem preserva o habitual e venera o que foi feito, cultiva o passado como **historiador antiquário**, cuida e ama aquelas condições nas quais viveu para os que virão depois, servindo assim à vida. Volta o olhar para trás, com fidelidade e amor, para o mundo onde se formou, dando graças por sua existência. Agarrar-se a um grupo, ambiente ou velhos hábitos o faz viver às vezes como beneficiário ameaçado por aquilo que considera os terríveis efeitos da busca desenfreada e cosmopolita pelo cada vez mais novo. Ainda que nesta posição se redescubra, um excesso dessa história pode fazer com que tudo o que é pequeno, limitado, decrépito e antiquado receba uma dignidade desmedida, fazendo disso seu abrigo. O problema de sustentar apenas este sentido antiquário é que ele sempre limita o campo de visão, daí não se percebe a maior parte dos fenômenos, ou são percebidos muito de perto e de forma isolada. Tudo é considerado igualmente importante, não se tem uma escala de valores nem sentido de proporções que realmente respondam às relações das coisas entre si para julgar o passado. Ao medir tudo pelo viés retrospectivo, aquilo que é novo e está em fase de realização é rejeitado e hostil. Quando a história serve ao passado até o ponto de enfraquecer a vida presente e a vida por vir, o sentido histórico já não conserva a vida, mas a mumifica, como ocorre – segundo as palavras de Nietzsche – “na cega fúria colecionista”.⁹ A história antiquária só sabe como **conservar** a vida, não como criá-la.

3) À medida que o homem sofre e busca uma liberação, para romper ou dissolver uma parte do passado, sente a necessidade da **história crítica**, ou seja, de uma história que julga e condena. Este exame crítico do passado é útil quando serve à transformação e ao crescimento. Mas aqueles que só julgam e aniquilam um passado correm o risco de não encontrar um limite na negação deste. Nietzsche sustenta que “se opõem a tal história com o conhecimento, ou cultivam um novo hábito, de forma que essa história desapareça, como uma tentativa de se dar *a posteriori* um passado do qual se gostaria de proceder”. “Mas ainda que sejamos o resultado de gerações anteriores, também somos suas aberrações, paixões, erros e crimes. Não é possível se liberar por completo dessa cadeia. Podemos condená-los, mas isso não muda o fato de que somos seus herdeiros.”¹⁰ Acontece com frequência de sabermos o que é bom, mas não o realizamos porque também conhecemos o que é melhor, sem poder fazê-lo.

⁹ Ibid. p. 12.

¹⁰ Ibid. p. 13.

Cada um destes laços com a história se justifica apenas num contexto particular. Todo indivíduo ou povo necessita, de acordo com seus objetivos, forças e necessidades, um certo conhecimento do passado como história monumental, antiquária e crítica, é assim que a história serve à vida. Porém isso encontra um obstáculo quando alguma delas se impõe e sufoca as outras – uma das formas em que haveria excesso de história. Embora o argumento de Nietzsche se refira em grande parte ao uso da história geral, enquanto pensada e relacionada aos povos ou sociedades – o que também nos interessa –, é possível depreender que uma relação ruim ou excessiva com a história de cada indivíduo – que podemos considerar uma leitura do seu passado – emparelha uma sintomatologia condizente com as que compõem nosso campo de trabalho: idealização, negação, procrastinação, *nonsense*, perda de valores compartilhados, excesso de crítica. As descrições que Nietzsche realiza são análogas, da nossa perspectiva, ao que ocorre quando há uma rejeição ao A barrado que obstaculiza a operatividade do objeto *a* como causa. Pode-se advertir aqui que a falha em relação aos fatos estaria determinando o mal-estar e não os fatos em si.

Isso posto, Nietzsche faz a análise de que no homem moderno – que nos concerne em especial, pois a psicanálise é pensável justamente a partir da perspectiva histórica do sujeito da ciência que surge na modernidade – outro motivo para considerar a análise da história discursiva –, “algo se interpôs entre a vida e a história, deixando esta relação alterada: a pretensão de fazer da história uma ciência”,¹¹ ou seja, que através do conhecimento – objetivo e verificável – ela se converta em guardiã das **verdades de fato**. Isso impediria seu questionamento, em honra (ou mera adulação) a um povo ou efeméride, afasta-se a imparcialidade. Nietzsche sustenta que “um fenômeno histórico completamente conhecido, reduzido a fenômeno cognitivo, é **algo morto**, enquanto mesmo acreditamos conhecer seu poder histórico, ele já não tem força”.¹²

A história aceita como soberana e objetiva seria uma espécie de conclusão e ajuste de contas da existência, outro excesso de história que trabalha em detrimento do novo e do porvir. No homem moderno se produz uma separação entre o interno e o externo, que “o faz imaginar que possui a virtude da justiça em grau superior ao de qualquer outra época, consolidando o que já foi já criado, gerando um pragmatismo calculista e egoísta que lhe paralisa e destrói as forças vitais”. Dessa forma, ele se torna hesitante e inseguro e já não acredita em si mesmo: recorre irrefletidamente à história para perguntar a ela o que deve sentir em cada situação, se aprofunda em seu ensimesmamento, em seu

¹¹ Influenciado, por sua vez, e ainda pelo surgimento dos Estados-Nação – nos quais nasce a noção de “indivíduo”, aquele que deve responder por si mesmo diante da lei, e não mais como parte da comunidade. Ignacio Leukowicz nos traz a ideia de que, mesmo assim, a ficção de **nação** produzida pelos Estados a partir de um conjunto de princípios intangíveis como língua, costumes e, principalmente, a história, teria alcançado durante a modernidade constituir um tecido institucional que garantiu uma existência identitária comum, mas o individualismo se agravou com o surgimento de estados tecnocráticos, esgotando a ideia de nação como apoio do Estado. E a globalização desfuncionalizou o social que nucleava os cidadãos, enquanto dotados dos mesmos direitos e pertencendo a uma entidade comum, com simbologia própria, e essa cisão aumenta o individualismo.

¹² Op. cit. Nietzsche, em <http://www.nietzscheana.com.ar> p.17

interior, no acúmulo de coisas aprendidas que não têm projeção afetiva no exterior, em erudição que não se transforma em vida. Nietzsche sustenta que “ainda que nunca se tenha discutido a ‘livre personalidade’ como na modernidade, já não se veem personalidades, e muito menos livres; somente se veem seres humanos uniformes, ansiosamente mascarados”, uniformidade que deixa de lado a posição particular, numa rejeição ao Outro barrado que serve à petrificação.

Nietzsche os descreve como uma geração de eunucos e, para o eunuco, uma mulher é a mesma coisa que outra mulher, e a mulher em si é o eternamente inacessível. Não importa o que seja feito desde que a história permaneça preservada em sua bela objetividade, ou seja, guardada por aqueles que são incapazes de fazer história. Em sua característica de **neutros** e eternamente objetivos, tomam também a história como **neutra**. Embora aconteçam as coisas mais surpreendentes, os neutros históricos estão sempre prontos para a descrença, para supervisionar de longe aqueles que fazem, para emitir uma crítica, ainda que há um minuto apenas nem sonhassem que aquele acontecimento fosse possível. Ao criticá-lo, neutralizam-no, anulam-no; não se chega nunca a um efeito real, mas sempre a uma crítica que é apenas objeto de outras. Essa falta de controle sobre si mesmo – de tanto que esse excesso de crítica os domina – é o que os romanos chamavam de *impotentia*.

Chamam de “objetividade” o ato de medir as opiniões e atos do passado pelas opiniões vigentes do momento, onde encontram o cânone de todas as verdades e adaptam o passado à trivialidade atual; e chamam de “subjetiva” toda a historiografia que não tem essas opiniões populares como canônicas. Fica encerrada assim na palavra “objetividade” a ilusão de observar um acontecimento com todos seus motivos e consequências com uma pureza tal que não exerça efeito algum sobre sua subjetividade, ou seja, permanecer **idênticos a si mesmos**.¹³

Uma história que só destrói, sem estar guiada por um íntimo impulso construtivo, destroça as ilusões, torna quase impossível toda calma e crescimento, torna a vida doente e dolorosa. Quem chega a um tratamento está atravessado por essa subjetividade e por esse modo de ver a história, não só a social como a particular, e certamente tem uma relação predominante com algum dos tipos de história que descrevemos.

Quando a história nada mais é do que um fato objetivo exterior à pessoa, da qual ela parece não fazer parte, o indivíduo busca alguma identidade em si mesmo, no que tem, no que sabe, em sua biologia. Essa afirmação de que o homem moderno se relaciona com a história como “conhecimento” guarda íntima correlação, como antecipamos, com o nosso diagnóstico do

¹³ Nietzsche, F. De la Utilidad e Inconvenientes de la Historia para la Vida, disponível em <http://www.nietzscheana.com.ar>, p.23.

sofrimento: a substancialização e individualização do ser – e da história. Este homem moderno perde o olhar relacional, transformando a história em um conhecimento científico-religioso, rigoroso, objetivo e inamovível – é o que é – que não dá origem ao movimento desejante.

Em uma análise, não trataremos dos fatos em si, e sim do valor que lhes foi dado em sua estrutura relacional. Assim, analisaremos a história trazida para tentar escrever aquilo que, por ser “não sabido”, trabalha automaticamente nos corpos e os faz fazer coisas e sofrer. E Lacan defende que “não há estrutura sem referência à história”.¹⁴ Mas nossa leitura da história será de natureza diferente, estará centrada em analisar a conotação que foi dada aos fatos e ver quais posições eles assumiram na estrutura discursiva, e assim desconectar a máquina lógica que opera, o automatismo de repetição ou fórmula significante que sustenta o sintoma. É a configuração desta lógica, disparadora de um mecanismo, que permitirá, ela própria, desarticular sua operatividade, visto que, se ela tem efeitos, é porque se desconhece não apenas o que **isso diz** como também que **isso diga**,¹⁵ e o modo como os elementos da estrutura estão organizados, sua gramática, sua articulação lógica.

Então, como deixar de lado numa análise o tratamento da história particular presente e operativa, essa que traz sofrimento se não se trabalha com ela? Ao contrário do que se acredita, o excesso de história opera quando esta não é analisada.

Mas não podemos perder de vista que existem tratamentos onde o trabalho que se propõe fazer com a história também pode levar a um excesso de relação com ela, quando não se consegue sair da análise da história ocorrida, procurando nela uma verdade final, acreditando que ela seja a determinante do sofrimento. Ou quando se cai numa fixação com a história, por excesso de conhecimento, exemplo visível nas frases ou na história a que se chega pelas “travessias do fantasma” e que podem ser vistas em alguns depoimentos de passe, onde uma nova verdade parece surgir, resultando numa nova história que já é conhecida...

Lacan: [...] em que se pensa? Nas coisas que não se dominam totalmente. Isso é o que se pode chamar de pensamento. Ao meditar, movo, vasculho. Isso começa a ficar interessante quando se é responsável, isto é, quando se oferece uma solução preferivelmente formalizada. Enquanto não resultar numa fórmula [...] não se vê o que mereceria que alguém se debruçasse sobre o assunto.¹⁶

Para “esquecer” o passado ou separar-se dele visto que, se opera, é porque segue presente – é necessário então, em nosso trabalho, procurar separar os significantes da demanda do Outro e tornar

¹⁴ Lacan, J. (2007). *Mi enseñanza, su naturaleza y sus fines*. Em *Mi enseñanza*. Buenos Aires: Paidós. p.90.

¹⁵ É um **dizer** quando está articulado a um discurso; por exemplo, o da psicanálise. Distinto de “isso fala”.

¹⁶ Lacan, J. (2007). *Mi enseñanza, su naturaleza y sus fines*. Em *Mi enseñanza*. Buenos Aires: Paidós. p. 88-89

operante o “além do que o Outro diz”.

Os mais descrentes da psicanálise consideram a revisão da história particular uma perda de tempo ou uma ancoragem no passado, inadvertidos de que já estão sujeitos a uma leitura ou interpretação desta, sem sabê-lo. E muitos setores da própria psicanálise rebaixaram a importância de analisar a estrutura discursiva que sustenta o sintoma – que aparece quando ela é escrita – como causa do sofrimento, seduzidos pela clínica do gozo – a suposição de que a causa final vem de uma interioridade, o corpo biológico –, o que reduz a cura a uma singularidade sem vínculo e a uma perda de sentido, pois não se circunscreve o objeto de valor.

A escritura do assunto particular que aparece numa análise é imprescindível, visto que o que determina o sofrimento, para Lacan, é uma economia política articulada pelos valores que se estabelecem em função da língua, da história, do social e de *lalíngua*. Tudo isso nada mais é do que a articulação significante e o vínculo discursivo.

Daí a surpresa que pode se dar numa análise quando – através da escritura do meio-dizer que se logre produzir – venha-se a saber e dizer algo do que operava na produção do mal-estar e que funcionava sozinho – ainda que reste certo grau de incerteza.¹⁷ Uma vez que isso aparece, torna-se menos operante, o que influi na interpretação da história com a qual a análise foi alcançada, estagnada, previsível e que era excessiva, e que agora se habilita a ser – nas palavras de Agamben – uma história inesquecível, que esteja a serviço do desejo e, conforme Nietzsche menciona, das forças vitais.

¹⁷ O passado não pode ser predito: a história está sempre sendo escrita, é uma construção. (A ciência atual pode transmitir conhecimento com certa previsibilidade, mas sempre incluirá um grau de incerteza – a matemática de Göedel, teoria do caos que inclui o acaso).

BIBLIOGRAFIA

1. Agamben, G. (2000). *El tiempo que resta*. Madrid: Trotta.
2. Lacan, J. (2007): *Mi enseñanza, su naturaleza y sus fines en Mi enseñanza*. Buenos Aires: Paidós
3. Nietzsche, F. (2018). *De la utilidad y los inconvenientes de la historia para la vida*. Madrid: Tecnos.

GABRIELA MASCHERONI

Psicanalista. Pesquisadora. Membro de Apertura Sociedad Psicoanalítica. Autora do livro *Los neologismos de Lacan. Una teoría en acto*.

E-mail: g_mmasch@yahoo.com.ar